



## **Mapas de agroecossistemas revelando o trabalho de agricultoras em situações conflito territorial**

*Maps of Agroecosystems Revealing the Work of Female Farmers in Situations of Territorial Conflict*

Gomes, Ana Alice F. S.<sup>1</sup>; ANSANI, Carolina V.<sup>2</sup>; DEPRÁ, Juliana<sup>3</sup>; MURTA, Nadja M.G.<sup>4</sup>; LOVO, Ivana C.<sup>5</sup>; STOCCO, Aline F.<sup>6</sup>

<sup>1</sup> Universidade federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, [ana.franca@ufvjm.edu.br](mailto:ana.franca@ufvjm.edu.br); <sup>2</sup> Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, [carolina.ansani@ufvjm.edu.br](mailto:carolina.ansani@ufvjm.edu.br), <sup>3</sup> Universidade federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, [julianadepras@gmail.com](mailto:julianadepras@gmail.com), <sup>4</sup> Universidade federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, [nadja.murta@ufvjm.edu.br](mailto:nadja.murta@ufvjm.edu.br), <sup>5</sup> Universidade federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, [ivana.lovo@ufvjm.edu.br](mailto:ivana.lovo@ufvjm.edu.br), <sup>6</sup> Universidade federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, [aline.stocco@ufvjm.edu.br](mailto:aline.stocco@ufvjm.edu.br).

### **RELATO DE EXPERIÊNCIA TÉCNICA**

#### **Eixo Temático: Gênero, feminismos e diversidades na construção agroecológica**

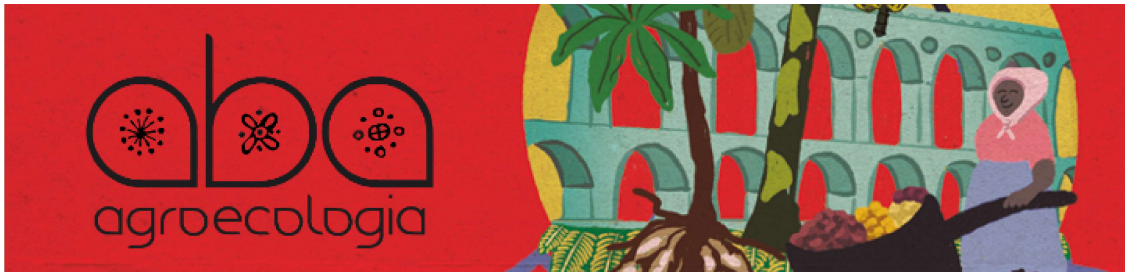
**Resumo:** O relato apresenta a experiência vivenciada pela equipe do projeto Mulheres Camponesas e Cadernetas Agroecológicas: desvelando trabalho e resistência nos agroecossistemas, especificamente na etapa de aplicação dos mapas de agroecossistemas, que envolveu mulheres de seis comunidades atingidas por atividades minerárias na região de Serro e Conceição do Mato Dentro - MG. As atividades descritas permitiram desvelar não só a importância do trabalho das mulheres na garantia da segurança alimentar e nutricional das famílias, como também oportunizou um espaço de reflexão sobre a opressão vivenciada por elas em relação às empresas mineradoras que se instalaram, ou pretendem se instalar em seus territórios. Embora tenhamos limitações enquanto instituição de ensino para assistir as comunidades em suas demandas, o projeto consegue dar visibilidade a essas demandas de forma a orientar outras instituições/organizações que atuam diretamente com essas comunidades.

**Palavras-Chave:** cadernetas agroecológicas; mineração; feminismo.

#### **Contexto**

O Projeto Mulheres Camponesas e Cadernetas Agroecológicas: desvelando trabalho e resistência nos agroecossistemas nasceu de um projeto de extensão - com diálogos estreitos e atividades conjuntas - vinculado à Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM) ao Observatório dos Vales e Semiárido Mineiro em parceria com o Movimento Pela Soberania Popular na Mineração (MAM). Tem como área de atuação seis comunidades dos municípios de Alvorada de Minas, Conceição do Mato Dentro, Dom Joaquim e Serro, no estado de Minas Gerais.

É importante contextualizar que essas cidades abrangem uma região historicamente povoada no ciclo do ouro, cujas populações, com o declínio da mineração, se concentraram em atividades agrícolas voltadas para o autoconsumo, garimpo



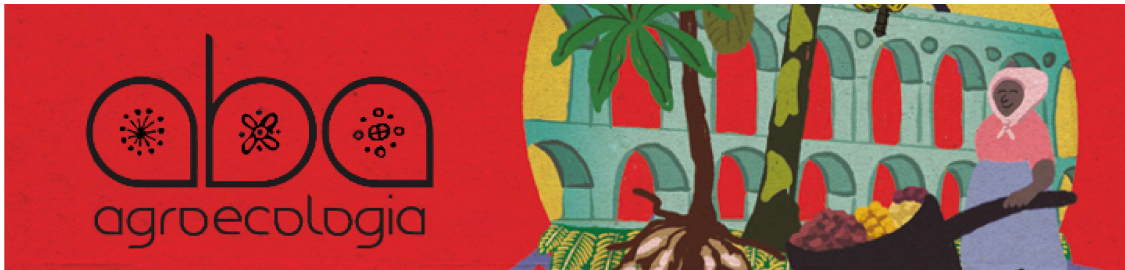
artesanal e comércio. No início da década de 2000, a região passou novamente a ser foco de atenção para a atividade minerária, com a instalação de grandes projetos de mineração de ferro. Entre eles, cabe destacar o Projeto Minas-Rio, composto por uma mina e uma barragem de rejeitos situada entre os municípios de Conceição do Mato Dentro e Alvorada de Minas, e um mineroduto que atravessa 33 municípios de Minas Gerais e Rio de Janeiro até chegar ao porto do Açú, cuja água é captada no município de Dom Joaquim – MG.

O processo de instalação deste empreendimento provocou profundas alterações nos modos de vida das comunidades atingidas. Milanez (2018) listou como consequências a desterritorialização, as violações de direitos, a desestruturação dos laços comunitários e modos de vida, o aumento dos índices de violência, sobretudo contra as mulheres, a insegurança, a falta de água e a piora das condições de vida como marcas desse processo. Os danos aos recursos hídricos e a perda de áreas de cultivo são alguns dos fatores que levaram à redução das atividades agrícolas praticadas por essas comunidades e geraram consequências para a segurança alimentar e nutricional dessas populações. Outro conflito regional é a iminência de instalação do Projeto Serro e do Projeto Céu Aberto, ambos entre Serro e Santo Antônio do Itambé.

A Caderneta Agroecológica é uma ferramenta criada pelo Centro de Tecnologias Alternativas da Zona da Mata (CTA-ZM) em 2011 e vem sendo aplicada em diversos estados brasileiros por movimentos sociais, grupos de mulheres, associações rurais, cooperativas e sindicatos de trabalhadores/as rurais com apoio de assessorias técnicas de entidades do campo agroecológico para dar visibilidade e fortalecer a atuação e a valorização das mulheres trabalhadoras rurais (CARDOSO, 2019).

No contexto do nosso trabalho, compreendemos que a importância desta metodologia se dá, sobretudo, por se tratar de mais uma ferramenta para colocar em evidência a existência de comunidades tradicionais e quilombolas afetadas pela mineração ou que enfrentam incessantes ameaças da instalação de outros grandes empreendimentos minerários na região. Reconhecemos que cada um destes territórios carregam consigo, além dos sujeitos, as histórias e costumes, são também territórios abundantes quando se trata de diversidade de alimentos, de saberes e sabores. Além disso, as cadernetas se efetivam como um instrumento de valorização deste trabalho, muitas vezes invisibilizado e revela também o protagonismo feminino nesse lugar de resistência frente às diversas precarizações que lhe são impostas, garantindo minimamente a saúde e a economia familiar nessa conjuntura de desterritorialização hostil e indiscriminada destes ditos projetos desenvolvimentistas.

Dentre as metodologias utilizadas no projeto das cadernetas agroecológicas, utilizamos a construção de mapas da sociobiodiversidade com as mulheres das comunidades participantes. Construir estes mapas em que há a representação das mulheres nesse lugar de maior autonomia em que vivem, trabalham e garantem saúde à família através de alimentos nutritivos, nos auxiliou nas análises e na identificação das potencialidades desses agroecossistemas.



A construção de mapas da sociobiodiversidade é uma das etapas incluídas na metodologia das cadernetas agroecológicas proposta pelo CTA-ZM. Essa etapa tem por objetivo dar visibilidade ao lugar ocupado pela mulher na economia familiar, levantando informações acerca da organização do trabalho no agroecossistema, localizando os espaços em que as mulheres realizam seu trabalho, revelando seu olhar e seu papel na organização produtiva (TELLES *et. al*, 2021).

Para essa etapa, planejamos um dia de atividades em 28 de maio de 2022, iniciando com um intercâmbio na comunidade de Passa Sete (município de Conceição do Mato Dentro), com a participação de 26 mulheres das comunidades Córrego da Gameleira, Ausente, Queimadas, Ribeirão de Trás e Cachoeira. As mulheres das comunidades se apresentaram, e depois foi feito um relato da experiência de Dona Darcília, moradora desta comunidade atingida pela mineração. Em Passa Sete e em outras comunidades próximas, os sujeitos dali se sentiram encurralados, obrigados a deixarem seus lugares e partirem para uma jornada em que terão de aprender a viver sem os vizinhos de uma vida toda, sem os pomares carregados das mais variadas frutas, das festas religiosas e coisas que aqui jamais poderão ser descritas pela profundidade carregada pela experiência de cada um desses sujeitos afetados.

### **Descrição da Experiência**

Nesse momento de muitas trocas, de sentir a indignação, de ver com os próprios olhos a barragem adiante, de olhar nos olhos de cada uma e sentir a potência que há ali, seguimos no período da tarde para um distrito de Conceição do Mato Dentro, denominado São Sebastião do Bom Sucesso, mais popularmente conhecido como Sapo, com a finalidade de confeccionar os mapas dos agroecossistemas.

Nessa atividade, disponibilizamos às mulheres materiais como cartolinas, uma grande variedade de lápis de cor, giz de cera e canetinhas, possibilitando a elas que representassem as primeiras e básicas informações sobre seu lugar num momento de reencontro com o desenho, alimentadas pela forte relação com seus territórios. Também participaram dessa atividade as filhas dessas mulheres agricultoras, que também contribuíram em todo o processo. Vale aqui destacar que o tempo para essa atividade foi de somente duas horas, que é um curto período para retratar tantos detalhes presentes em suas respectivas propriedades e, portanto, pode não se mostrar por completo. Estávamos ainda em período de Emergência de Saúde decretada pela pandemia de COVID-19, e tivemos algumas limitações institucionais na construção de espaços com agrupamentos de pessoas.

As mulheres foram orientadas a seguir algumas etapas na construção de seus mapas: com os cuidados para não induzi-las às nossas próprias concepções, as orientamos e fizemos sugestões em diferentes escalas para que os mapas se nutrissem de detalhes suficientes para posterior análise. Essa orientação começou pela extensão da propriedade e caminhou pela localização das fontes de água, das áreas de uso coletivo; dos lugares de produção de alimentos (desde o entorno da casa até áreas mais distantes), bem como quais produtos são gerados; os itens



coletados ou extraídos nas matas e, por fim, a indicação dos lugares de maior autonomia dessas mulheres.

Dessa forma, elas caracterizaram e indicaram a agrobiodiversidade de seus quintais produtivos e dos espaços em que cada membro da família, mas sobretudo em que elas, como mulheres, têm autonomia de trabalho. A partir do desenho, da atividade de buscar na memória alguns detalhes desse espaço pensado, começaram a surgir as percepções, propriamente ditas. Foi também durante este curto percurso do lápis a tracejar o papel que surgiram importantes indagações e que logo foram discutidas coletivamente e as experiências foram compartilhadas. Foi também o momento em que analisamos como as mulheres enxergam seus lugares e entendem seus espaços.

Pouco a pouco, em cada detalhe tracejado, o lugar tomou forma e cor ao passo que os olhos de todas ali brilharam pelo trabalho feito em conjunto. Depois de posto em papel, abrimos um momento de compartilhar não só essa experiência de confecção dos mapas, mas também de possibilitar às mulheres mostrarem seu lugar às outras, além de exercitarem observar e analisar os desenhos feitos pelas mulheres de outras comunidades.

Em um momento posterior, já no espaço universitário, a equipe do projeto juntamente com estudantes da Licenciatura em Educação do Campo (LEC) e da Licenciatura em Geografia, analisaram o material que se dispunha exposto nas paredes de uma sala de aula onde os estudantes passavam o olhar por cada mapa em um curto período de tempo. Em seguida, divididos em trios, escolhiam três mapas para uma análise mais detalhada e na tentativa de, através da representação, compreender parte da realidade daquele lugar.

## **Resultados**

Na análise coletiva dos mapas da sociodiversidade, notamos que majoritariamente os locais em que a mulher tem autonomia, ainda que receba alguma ajuda de seus companheiros ou filhos, é no quintal produtivo.

Dentre os cultivos registrados, além de hortaliças e roças, como milho, cana, feijão e mandioca, visualizamos a diversidade de frutas presentes: algumas variedades de banana, cítricos, abacate, côco, entre outros.

Como costumeiro nos interiores de Minas Gerais, muitas dessas mulheres são quitadeiras, ou seja, produzem, consomem e/ou comercializam suas quitandas caseiras (bolos, biscoitos, roscas, doces e etc) na localidade, seja em feiras, porta a porta ou mesmo em casa. Esse saber é historicamente passado de geração em geração entre as mulheres e é considerado uma herança. Dessa maneira, notamos a forte presença da representação dos fornos de barro nos mapas, de forma a autenticar esse costume. Além dessa tecnologia social, foi registrada uma pedra de farinha, e caixas d'água utilizadas para irrigação de hortas e consumo animal.

Além disso, percebemos em diversos mapas, a presença de animais domésticos e demais criações como galinhas, porcos, peixes e etc, que podem ser aproveitados



como alimentos (carne, ovos e derivados), garantindo a segurança alimentar e nutricional familiar e gerar renda, bem como fornecendo insumos para as hortas ou ainda servir como tração para veículos e implementos agrícolas. Associando esta informação às anotações das cadernetas, notamos uma intensa produção de alimentos com algum grau de processamento que utiliza estes itens acima citados, como doces, biscoitos, bolos, salgados, farinhas e muitos outros.

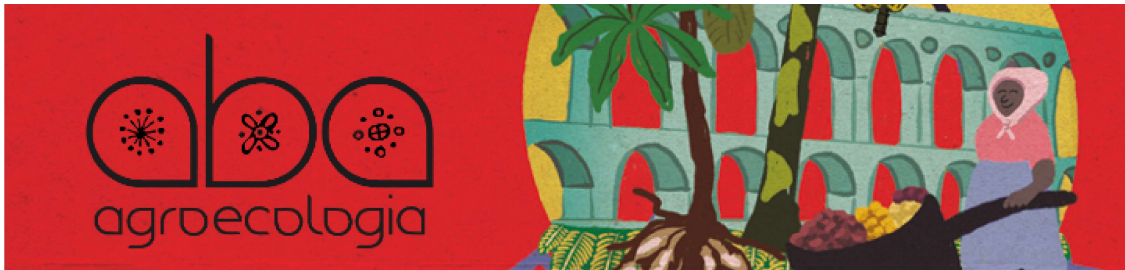
Os impactos da atividade minerária também se fizeram presentes nas representações, em que se observou principalmente a questão do acesso à água. Em comunidades que margeiam áreas de mineração, observou-se a ausência de nascentes nos mapas, enquanto as comunidades em que a atividade ainda não foi instalada, foram desenhadas nascentes.

É importante também registrar que em todos os espaços coletivos de conversa a questão da mineração se fez presente, desde relatos de pressão de agentes a serviço das mineradoras, coagindo famílias a assinar documentos de teor desconhecido, até a cooptação com promessas de fornecimento de água, apoio na obtenção e documentos, entre outros. Este momento foi marcado pela presença de alguns colaboradores do projeto: o MAM, o Núcleo de Assessoria às Comunidades Atingidas por Barragens (NACAB) e alguns alunos das disciplinas “Geografia Agrária” e “Espaço e Poder”, ambas do curso de Licenciatura em Geografia da UFVJM. Da junção e do diálogo entre estudantes, professoras, crianças, mães e mulheres se fez uma experiência que estará para sempre marcada na vida destes que juntos puderam reconhecer as perversidades dos projetos de “desenvolvimento”, puderam dar forças e se deleitar, um pouco que seja, da alegria do encontro.

Alguns exemplos de relatos apresentados, temos Dona Darcília, mulher de figura encantadora, de sorriso dócil e muito amor por sua família e seu lugar. Darcília é também a representação da força e da resistência frente à mineração, que não está longe de sua morada. Aliás, a barragem de rejeitos fica a exatos mil metros a montante de sua residência/agroecossistema. Além disso, afetou a vida da água, do solo, do povo que ali um dia viveu e daqueles que num forte movimento de re-existência lutam diariamente pela sobrevivência em meio aos barulhos, aos odores, tremores, violências contra os corpos e territórios decorrente da chegada e instalação da empresa mineradora. Entendendo que através dessa representação espacial há diversos caminhos que podem ser pensados para se chegar à supostas explicações, estudos e análises ou até à própria realidade de cada uma dessas mulheres.

A construção dos mapa é um potencial diagnóstico da realidade produtiva e econômica das mulheres, para fortalecer processos que garantem a autonomia e a geração de renda a partir da consolidação de alternativas econômicas à mineração, com incremento na produção, acesso à assistência técnica, à políticas públicas, ampliação da comercialização e construção de redes locais.

Além disso, essa metodologia dá visibilidade às opressões vivenciadas pelas mulheres no contexto de conflitos territoriais causados pela atividade minerária, pois possibilitou elas e também à equipe do projeto, a visualizarem os impactos ambientais e sociais, possibilitando a construção de uma identidade de resistência.



Salientamos que somos uma instituição de ensino, e atuamos a partir de um projeto de extensão e, por isso, temos limitações em intervir como as entidades de assistência técnica, que utilizam dessas ferramentas no planejamento de seu trabalho. Dessa forma, nossa inserção na realidade dessas comunidades e no uso de metodologias como a das cadernetas agroecológicas nos permite pensar em dinâmicas que possam contribuir com possíveis melhorias frente a este cenário preocupante de expansão das atividades minerárias ou da própria instalação dessas nos arredores das comunidades, para orientar outras instituições e coletivos em suas ações.

### **Agradecimentos**

Agradecemos à Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da UFVJM e à Fundação de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais, pelo apoio financeiro ao projeto.

Agradecimento especial às mulheres que nos acolheram neste trabalho, compartilhando suas leituras de mundo e suas lutas diárias.

### **Referências bibliográficas**

CARDOSO, Elisabeth *et al.* Guia metodológico da caderneta agroecológica. Recife: FIDA, 2019.

MILANEZ, Bruno *et al.* Transformações Socioambientais e Violações de Direitos Humanos no Contexto do Empreendimento Minas-Rio em Conceição do Mato Dentro, Alvorada de Minas e Dom Joaquim, Minas Gerais. Belo Horizonte, 2018. Disponível em: <[https://drive.google.com/open?id=1XeDN\\_UnelKmGMMKqsB0K1rIIYJXiYDN](https://drive.google.com/open?id=1XeDN_UnelKmGMMKqsB0K1rIIYJXiYDN)>. Acesso em: 19 out. 2020.

TELLES, Lilian *et al.* Como utilizar a caderneta agroecológica. Nossa Roça, Viçosa, n.12, fevereiro. 2021.